



Nº 264 - 24-4-75

DIRECTOR: SILVA NOBRE

PREÇO - 7850



OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS

A França está em muito boas relações com a Argélia, coisa que aqui há poucos anos atrás não fazia parecer impossível. O tempo cura tudo! Agora o presidente D'Estaing foi lá num instantâneo (à Argélia) e trouxe de lá um contrato de fornecimento de

gaz natural no montante de dois milhões de dólares.

É muito gaz, e o que é preciso agora, não é só avisar a malta: é construir um grande canudo para transportar o gaz para a França.

A história é já muito velha: A Argélia já tinha as reservas

de gaz há muito tempo, e já há mais de quinze anos tinha dito que não se importava de mandar gaz para a Europa que anda de resto com muito pouco gaz. Mas queria naturalmente para isso que lhe trouxessem as instalações lá na terra, e que fizessem o tal

canudo. Que é muito caro porque até tem que ficar enterrado a mais de cem metros abaixo do chão.

Nessa altura ninguém quiz fazer a despesa e chamaram gananciosos aos argelinos. Mas agora, com a falta de gaz, e com os altos preços que têm, já toda a gente começa a pensar nisso. E a França não quiz perder tempo: para já não fez o seu contratozinho...

governo, soltura dos que estavam presos pelo presidente Tombalbaye, que já não tombalbayia nada, e prisão dos oficiais adeptos do presidente Tombalbaye que tombalbiou todos para a choça. Até à pró-xima.



Os americanos vão saindo rapidamente do Cambodia. É já uma espécie de especialização, estas retiradas devidamente organizadas. Quanto a ajudas militares... parece que a altura não é das mais oportunas. Os senhores compreendem: essas ajudas militares numa ocasião em que as coisas começam a andar para trás não são muito aconselháveis.

Por agora os aviões e os helicópteros são para retirar das estratégicas, e vamos lá que já é trabalho. Depois se verá. O mundo é grande e há muitos sítios onde se podem fazer coisas.



No Sikkin (lá estão vocês outros atrás) na geografia. Burros! Fica ao pé da Índia) (Claro que eu sei isto porque vi no jornal que iam fazer um plebiscito para abolirem a



monarquia e serem integrados na Índia) Os soldados indianos protegem o rei, e parece que todos estão de acordo que a monarquia está a bater a bota.

Depois logo se verá...

CONSELHOS DE ECONOMIA

Desde que o homem descobriu que as galinhas, queiram ou não queiram, passam a vida a pôr ovos, e hoje em dia, quase que à razão de um por dia, sem grande dispêndio de energias, calorias ou comedorias, desde essa altura, repetimos, que se incluiu em todos os manuais de culinária, a Omelete.

A omelete como se sabe, é o processo de rebentar alguns ovos: dentro duma tijela batê-los muito bem, e depois deitar aquela mistela asquerosa numa frigideira com uma gordurinha qualquer, até ficar um bocadinho mais ríjinha, de forma a permitir enrolá-la muito bem enroladinha, antes de enrolar o freguês servindo esses produtos ovariais das galinhas, como se fosse um petisco, e levando quase vinte paus (pelos preços antigos) pelo mesmo.

Mas não nos interessa agora a comercialização omeletal. Estamos mais interessados na economia caseira.

No entanto devo acrescentar um pequeno pormenor: é que como o barrete dos ovos mexidos e enrolados sem mais nada, já não estava a dar nada, os cozinheiros decidiram complicar a coisa, juntando-lhe diversos adicionais, para lhe poder dar nomes mais pomposos. E surgiram assim as omeletes de queijo (na qual se metiam muito bem picadinhos nas cascas dos queijos que os fregueses tinham deixado nos pratos) as omeletes de presunto (atirando para dentro da mistela, com as raspas da máquina

fiambreira) e muitas outras. Das quais a mais barata foi sempre a que tinha o nome mais pomposo: a Omelete aux Fines Herbes, que é como quem diz a omelete pé de salsa.

Portanto a prezada leitora, pode em sua casa fazer essa omelete, visto que assim o seu marido até julga que está num restaurante de luxo, e como sabe até hoje a salsa é dada de borla nos lugares de hortaliças.

Ora o segredo da economia é este: ao fazer uma omelete "Aux fines herbes" nenhum livro de culinária diz qual é a quantidade de "fines herbes" que se deve pôr. E por isso nada impede que a leitora peça (de borla) no lugar um grande raminho de salsa, o

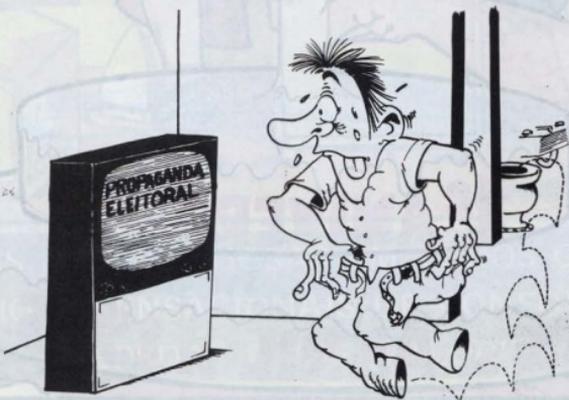
pique muito bem picado, e depois perca a cabeça e gaste um ovo inteiro. Bate o ovo naquela mistela que já conhece, e deita-lhe dentro toda a salsa muito bem picada.

Claro que o ovo quase desaparece no meio daquele verde todo, mas isso até dá graça.

E depois o ovo serve unicamente para dar uma certa consistência à salsa, que tem como se sabe muita vitamina.

E depois de enroladinha, vai ver que o seu marido até gosta. E fez um almoço que lhe ficou pelo preço dum ovo e dos restos de gordura que estavam agarrados à frigideira.

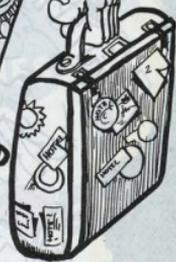
Donde uma vez mais se conclui que todos os maridos comem fines herbes, a questão é saber-lhas dar.



FOMOS ENGANADOS...
VINHAMOS À
PROCURA DE UM
TURISMO ORIGINAL
... TINHAM-NOS
PROMETIDO
REVOLUÇÕES...
TIROS... ETC, ETC



Toc-toc



FERRAZ

Petalhos da vida Teisboeta

VIAGEM DE METRO

- Com licença...
- Ainda não parou... Há muito tempo para entrar...
- Calma... Não empurrem...
- Deixem sair primeiro...
- Deixem entrar...
Credo!
- Calma minha senhora. Nisto, o entrar é depois do sair...
- O homem já apitou...

- Deixe apitar... Se houver azar a falta é dele.
- Não... Ai... empurrem...
- Já estão empurrando... Não é preciso pedir...
- Ai que fico entalada...
- Pronto, já não fi-

ca...
- Agora fica enlata-da!
- Licença...
- Só na Câmara...
Aqui é impossível!
- Saio nesta...
- Deixem sair...
- Sair? Já estão a entrar...
- Cuidado... Filha,

agarrate à mãe...
- Brutos!
- Saia, saia, vai andar...
- Licen...ça!
- Deixem fechar a porta...
- Cuidado com esta senhora que está para ter bebé...
- Coitadinho, ainda

não nasceu e já anda metido em apertos...
- É do "Pum Pum"...
- Mas nasce livre...
- Sai nesta, minha senhora...
- Se me deixarem...
- Deixem sair...
Deixem sair primeiro...
- Vamos lá a entrar... A gente precisa de entrar, não é de sair...
- Ai que aperto, Santo Deus!

- Isto é um Povo unido!
- Aqui, é mesmo!
- Cuidado com as carteiras...
- P'ra mim é igual... Estou "teso"...
- Pode afastar-se um pouco, faz favor...
- Posso, empurrando...
- Não vale empurrar...
- Aqui, vale tudo...
- Por favor, deixem-me ir saindo...
- Ainda não parou... Calma!
- Ó Zé, olha a miúda...
- Entra lá e deixa lá a miúda...
- Deixem-me sair... Ai... Ai...
- Agora, só na outra...
- Na outra sai, de certeza...
- Se me deixarem...
- Deixam, deixam... Saem todos!
- Começam logo a entrar...
- Nesta não entram...
- Não?!
- Pois não... Estamos em Sete Rios!
- Sete Rios? E agora?
- Agora... se não vinha para aqui, tem de voltar para trás!



ORA CONTE-NOS ESTÁ SUFICIENTEMENTE ESCLARECIDO PARA VOTAR AMANHÃ?



FUNCIONÁRIO PÚBLICO
 ESTOU UM BOCADO A RASCA... ANTIGAMENTE O CHEFE DAVA-ME O VOTO QUE EU 'QUERIA' PÔR...



DESCONEIADO
 DEPOIS DAS CONVERSAS, TODAS NA TELEVISÃO FIGUEI MUITO PIOR DO QUE ESTAVA....



CAMPONES
 TENHO A CERTEZA DE QUE NINGUÉM ME HÁ-DE FAZER CAVAR COM DUAS ENXADAS!



CAPITALISTA
 ESCLARECIDÍSSIMO... E TAMBÉM LIXADÍSSIMO!!



DONA DE CASA
 O CONGELAMENTO DOS PREÇOS DAS MERCEARIAS DEU-ME UM CERTO ESCLARECIMENTO...



Crônicas medievais



D. BRIOLANJA

— E tomem bem nota disto: eu quero que isto seja uma completa e absoluta surpresa para el-rei. D. Paio: dizeide-me que coisas haveis preparado para a nossa festa de amanhã!

D. PAIO

— Senhora minha, todas as vossas ordens foram cumpridas. Receio apenas que sua Majestade comece a desconfiar do que estamos a preparar. . .

D BRIOLANJA

— Sua Majestade a desconfiar? Que ideia! Bem sabeides que el-rei se concorre ao concurso do mais artólas, ganhava com certeza! De resto como ele anda sempre a olhar para o chão, não vai com certeza ver as luminárias e decorações que lhe hemos preparado. . .

D. PAIO

— Ainda bem que falaiades das decorações, excelsa senhora minha. Muita dificuldade hei tido em arranjar algumas das coisas recomendadas. . .

D. BRIOLANJA

— Que coisas? A que vos referides, senhor D. Paio?

D. PAIO

— Eu vos digo, senhora minha. Tinheiades em vossa ideia forrar todas as paredes da vossa sala nobre com pinturas alusivas às festevidades a que el-rei tinha presidido no nosso antigo reino, durante o seu governo. . .

D. BRIOLANJA

Sim. E depois?

A FESTA ANIVERSARIO

D. PAIO

— Depois, muita dificuldade hei tido em achar tais pinturas. Bem sabeides que logo que os infieis expulsaram a nossa ream corte do nosso antigo reino, houve uma tremenda competição para a procura de todos esses valiosos documentos. . .

D. BRIOLANJA

— Mas quem foi? Porque motivo poderiam ter desaparecido tantas provas desses gloriosos dias do governo d'el-rei?

D. PAIO

— Senhora, creio que foram muito procurados, uma parte pelos fieis subditos de sua Majestade que quizeram conservar para a posteridade essas provas do magnânimo governo d'el-rei, e logo esconderam quantas puderam apanhar. Não vos esquecaides que tiveram que as esconder muito cuidadosamente, porque se os infieis soubessem que as tinham logo propunham para eles aquele suplício novo que inventaram e que se chama o saneamento. . .

D. BRIOLANJA

— Malvados! Que fazem eles então aos nossos pobres amigos?

D. PAIO

— Ai, não mo pergunteides, senhora minha! Revolvo-se-me os intestinos tripais só de pensar na crueza desses infieis! Imaginaide que lhes retram com inaudita selvajaria todas as tenças e honrarias que ao longo de muitos anos de dedicação a el-rei tinham ganho. . .

cont. na pág. 10

ANTOLOGIA

Guerra Junqueiro

(Despique, numa noite de boémia académica, na bodega do Campos da Baixa — do Homem do Gás — em Coimbra com João Penha).

PENHA:

IAM CAMINHO DE SINTRA,
MONTADOS NUM SÓ JUMENTO,
UM VATE E UM DANDY PELINTRA,
SOLTANDO CANÇÕES AO VENTO.

PARA O BURRO; É COMO CHUMBO.
DIZ-LHE O BARDO: "Ó GÂMBIAS PODRES!"
RESponde o triste: "SUCUMBO
SOB O PESO DE TAIS ODRES".

JUNQUEIRO, QUE VENS DE JUNCO,
TU, QUE ÉS PÁSSARO BISNAU,
NÃO ABRES O BICO ADUNCO?
POIS NÃO ME SENTISTE O PAU?

JUNQUEIRO:

O PENHA BORRACHO
CORRIA, CANTANDO,
NO DORSO DUM MACHO,
MAS EIS SENÃO QUANDO
A BESTA O ESTIRA
NA LAMA DA PRAÇA.
QUEBROU-SE-LHE A TACA,
QUEBROU-SE-LHE A LIRA,
QUEBROU-SE-LHE TUDO
E O POBRE OLIVEIRA,
SÓ NÃO DIZ ASNEIRA
QUANDO FICA MUDO.

PENHA:

AFINASTE A VEIA CHATA,
BEBESTE O COPO DUM BORCO,
E A CIDADE, ESTUPEFACTA,
OUVIU O GRUNIR DUM PORCO.

JUNQUEIRO:

PORCO ÉS TU, MEU ANIMAL,
PORQUE AS VERMELHAS CANÇÕES,
QUE SACAS DO TEU BESTUNTO,
SÃO VERMELHOS SALPICÕES,
NÃO SÃO VERSOS, SÃO PRESUNTO.

PENHA:

ACERTOU-TE A PEDRA, E DE ARTE
QUE TE FIZ NA TESTA UM GALO,
E FORCEJAS POR VINGAR-TE
COMO SE VINGA UM CAVALO.

JUNQUEIRO:

DOU-TE UM CONSELHO, OLIVEIRA,
COMO ESTÁS COM MUITA PRESSA,
VAI COSER A BORRACHEIRA,
MEU MENESTREL DE TRIPEÇA!



DOS

HUMORISTAS

A TERRA A QUEM A

TRABALHA



AGORA, ZÉ, OUVES BEM:
TENS AQUI TERRA A FARTAR,
ONDE PODES SEMEAR
BATATAS, CEBOLAS, NABOS
PIMENTOS E AGRIOES.
E SE ALGUEM TE CHATEAR
POR TU QUERERES TRABALHAR
NA TERRA DOS GALIFOES
NA TERRA QUE AGORA É TUA
NÃO LIGUES A DISPARATES:
CONTINUA A TRABALHAR
E SE TE QUISEREM AJUDAR
QUE O FAÇAM NOS TOMATES,
OU VÃO P'RO OLHO DA RUA.

MAS VÊ LÁ BEM, CARO ZÉ.
SE DURANTE TANTOS ANOS
TU SOFRESTE DESENGANOS
MAS TU SEMPRE TRABALHASTE,
NÃO NOS DEIXES FICAR MAL
AGORA QUE A CONQUISTASTE
E TORNA-A TUA A VALER:
E SE ALGUEM TE CHATEAR
POR TU ESTARES A TRABALHAR
PODES MANDA-LOS SUSTER.

AGUAR QUE A TERRA É TUA
MOSTRA O QUE SABES FAZER
SEM QUAISQUER HESITAÇÕES:
TRABALHA DE SOL A SOL
E MOSTRA A ESSES CABRITOS
QUE PENSAVAM QUE ERAS MOLE
E ANDAVAM SEMPRE AOS GRITOS
QUE ACABOU A EXPLORAÇÃO
DE TODA ESSA CANALHA
E QUE AGORA A TERRA TODA
(QUEM NÃO GOSTAR QUE SE QUEIXE)
PERTENCE A QUEM A TRABALHA!

NÃO ME VENHAS COM DESCULPAS
QUE A TERRA É DURA E A ENXADA
COMEÇA A FICAR PESADA
E AS COSTAS A DOER:
E NÃO TE PODES QUEIXAR
PORQUE EM TERRA SEMEADA
TU TENS POR ONDE ESCOLHER,
AO LONGO DO ANO INTEIRO:
VAI P'RO TRIGO OU P'RA CEVADA
LÁ NAS TERRAS DE SEQUEIRO
E EM TERRAS DE REGADIO
FAÇA SOL OU FAÇA FRIO,
NÃO ESTEJAS COM DISPARATES:
SE QUISERES CULTURA BOA
NÃO VÁS P'RA COISAS A TOA:
VAI MAS É PARA OS TOMATES!

A FESTA DO ANIVERSÁRIO

cont. da pág. 6

— Malvados! Gente sem coração!

D. PAIO

— Nem me faleisdis nisto! Na última nau que chegou do nosso antigo reino, novas recebi dum dedicado servidor da corte, que até agora parecia ter escapado a esse suplício. E afinal...

D. BRIOLANJA

— Afinal foi descoberto?

D. PAIO

— Pois foi, o infeliz! Imaginaide que em auto público, e com a populaça a enjuriá-lo, lhe foram retiradas as tenças que ainda ia auferindo, uns míseros milhares de dobrões, pelo trabalho e sacrificio de ir todos os meses assinar os reais despachos dessas mesmas tenças! E mais: vedado lhe foi o uso da carruagem automática que por el-rei lhe tinha sido concedida, e na qual todos os dias a sua pobre e trabalhadora esposa ia assistir aos chás canastrais, e por vezes levar os infantes às mestras. Como se irão agora aqueles pobres seres governar, sem ninguém que lhe estenda uma mão amiga...

D. BRIOLANJA

— D. Paio, sejamos corajosos. E deixemo-nos de lamechices. Bem sabeides que é minha vontade que amanhã el-rei tenha uma festa alegre...

D. PAIO

— Mas que alegria poderá ter el-rei? Perdoaiide se ainda não compreendi bem a vossa certamente generosa ideia...

D. BRIOLANJA

— Já a terieides compreendido se não fosseis pataroco! Então vós não sabeides que era celebramos amanhã?

D. PAIO

— Se sei! E por isso se me amofinam ainda os fígados, e quase sinto a espinhela caída! Só lembrar-me que faz amanhã um ano, eu julguei que tinha chegado o último dia da minha vida!

D. BRIOLANJA

— Pois é. Faz amanhã um ano que os infieis nos mandaram para o exílio. E eu quero que esse dia seja dia de festa para todos nós...

D. PAIO

— E eu que pensei que irieides decretar um dia de luto...

D. BRIOLANJA

— Mas que ideia a vossa, D. Paio! Luto porquê? Vós já haveides pensado que nesse dia que amanhã iremos celebrar, el-rei e toda a sua corte receberam o justo galardão de todos os seus trabalhos e canseiras gastos ao longo dos longos dias do seu reinado? Já haveides pensado que faz amanhã um ano que todos nós recebemos as honrarias duma honrosa reforma com todos (ou quase todos) os vencimentos? E não quereides que façamos uma grande festa a celebrar a libertação que todos nós houvemos das andanças e dos trabalhos da governação?

D. PAIO

— Sendo assim...

D. BRIOLANJA

— Sendo assim? Mas vós ainda duvideides? Então já vós haveis esquecido dos sacrificios que todos nós hemos feito para assistirmos a todos aqueles lautos e indigestos banquetes a que os deveres da governação nos obrigavam? Já haveis esquecido os enfartos que vós mesmos D. Paio, sofrieides quando tinheides que comer todos os dias lagosta regada com os mais capitosos vinhos do reino e até vindos de outras terras de infieis, como champanhede dos reinos dos frangos e essa bebida de fogo á que chamam visquí, e que vinha dos bárbaros da Anglia...

D. PAIO

— Sim, bem o dizeides augusta senhora minha...

D. BRIOLANJA

— Não me chamaides Augusta que bem sabeides como eu engalinho com isso! Mas como dizia, e se bem me lembro, como pregava Frei Vitorino, muitas vezes vos ouvi dizer que esperança tinheides de que el-rei vos autorizasse a reforma...

D. PAIO

— Mas esta reforma que tivemos...



Geralmente, todos os negócios que levam água são bons — inclusivamente, muitos dos que "levam água no bico". Os que metem água, esses é que são quase sempre maus!...

Ela tinha a mania da perseguição — quando não era perseguida, perseguida!

— Palavra de honra, ando tão farto desta vida que não me importava nada que me acontecesse o mesmo que áquelo tipo de Nampula!

— Qual?

— Aquele a quem saíram uns milhares "dele" no Totobola!

Se alguém acha que ainda há pouca liberdade, onde quereis que isto vá parar?

Cúmulo de desconfiança e paciência: entrar numa pastelaria, pedir um bolo de "mil-folhas" e contar estas para ver se falta alguma!

O futuro a Deus pertence... Mas, você terá que dar uma ajuda!



O MAIS ANTIGO
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR
SILVA NOBRE

PRÓPRIEDADE
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção, administração e composição
R. Conde Redondo n.º 12-2.º LISBOA
Tel. 538585-537949-48668-563158

Impresso na Empresa do
JORNAL DO COMÉRCIO, S.A.R.L.

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR
REGIMPRESSA
AV. D. JOSÉ I, LOTE 12
REBOLEIRA — LISBOA

cont. na pág. 11



Há quem peça a restauração da pena de morte. Num país que há cento e tal anos "exportou" a ideia da sua abolição, seria mesmo um atraso de vida! É caso para exame psiquiátrico a certas mentalidades e, também, para perguntar de onde é que se "importou" a ideia!...

Numa altura em que se pretende, mais do que nunca e efectivamente, andar para a frente, não nos parecem vândas — nem de respeitar — certas ideias que só visam a andar para trás!...

Quando Salazar estava na cadeira de rodas já ninguém desejava a sua morte: os amigos porque lhes convinha que ele continuasse nesta vida mesmo semi-morto: os inimigos porque entendiam que, quem fizera sofrer tantos deveria continuar a sofrer... por muitos anos e bons!

A "pena de vida" é, de facto, em muitíssimos casos, mais dura que a pena de morte!

Os únicos que, dantes, conseguiam viver da pena, eram aqueles senhores que assinavam, por mês, vários recibos de chorados ordenados — fora as achegas... que se assinavam "de cruz"!

O maior "mamão" de todos os tempos era aquele admirante que até mamava no peixe!

Com esta mania das rivalidades, que nós continuamos a possuir e a cultivar, muito nos admira, por exemplo, que nas proximidades de Vila Nova de Famalicao nunca tenha surgido uma Vila Nova de Famaligato!

Há povos que são, realmente, ricos de História e de Língua. O mal é que, em certas alturas, muitos se esquecem da primeira e, a segunda, se revela muito comprida e suja!

Muitas vezes, as coisas que as estações de rádio emitem, não são, exactamente, aquelas que "andam no ar" — o que prova, talvez, que: ou o éter não é fiel ou os aparelhos estão avariados (ou sabotados?).

A CONTECE CADA UMA

Vinha num jornal do continente americano — ao que nos garante pessoa amiga, de confiança, e outras confirmam. E, como o caso tem de facto, piada, não nos resistimos a contá-lo.

Um casal australiano, de passagem por Hong-Kong, entrou num restaurante para almoçar. A senhora levava consigo o seu cãozinho e, enquanto encomendavam (pela lista — em duas línguas, pelo menos: chinês e inglês) o seu almoço, indicou ao empregado o animal, para que ele não ficasse sem a sua refeição. Como, porém, o empregado não falava inglês nem a senhora entendia patavina da língua de Confúcio, decidiu-se ela por aquele gesto universal que toda a gente conhece e usa nas mais diversas circunstâncias, até no seu próprio país — que é o de agitar a mão em frente da boca semi-aberta... O empregado disse que sim, com a cabeça, pegou no "lulú" e desapareceu pela



porta da cozinha. Veio o menú escolhido pela lista, o casal foi comendo, o tempo foi passando e, acabado o repasto, ficaram à espera que o cãozinho regressasse da cozinha — o que veio a suceder ao fim de cerca de uma hora de se terem sentado à mesa. Simplesmente terá havido uma falha na interpretação do gesto — isto é, houve mesmo! — pois o bicho regressou, sim mas assado... com todos aqueles acompanhamentos

chineses que (para quem aprecia...) tornam qualquer animal deste mundo um apetitoso petisco! A senhora ficou passada e custou a recompor-se do choque... Mas, mais tarde, entrevistada a propósito do insólito caso, não deixou de dizer que se não soubesse que era o seu desafortunado cãozinho que ali vinha... até era capaz de ter comido, pois aquilo tinha excelente aspecto e cheirava divinamente!

A FESTA DO ANIVERSARIO

mit. da pág. 10

D. BRIOLANJA

— Esta reforma foi o justo prémio de tantos e tantos sacrifícios de governação que fizemos! 'Vede que todos nós por cá nos temos governado, e nada nos tem faltado! Não teremos muitos dos luxos e lúcharias que tínhamos na nossa antiga corte? Mas vós não ouvistesdes o antigo secretário do reino numa das suas últimas conversas de chacha para a plebe dizer que haviam acabado as vacas gordas? Pois bem sabeides que também para nós (qui as vacas não são das mais gordas: mas pelo menos ainda vão dando algum leiteinho...)

D. PAIO

— E que pretendes então fazer com as ornamentações?

D. BRIOLANJA

— Arranjade quantas pinturas tiverdes de todas as festas que vós disse. Procuraide aquelas em que aparecerem meninas e meninos de opas brancas das escolas a deitar florinhas sobre a real careca. Vede se conseguisdes alguns daqueles grandes cartazes que dizem "A Aldia dos Pirofatos Sauda Sua Excelência o Senhor Presidente" — ou sei que el-rei gostava muito desses. E mandaiide já pintar um grande cartaz para ficar mesmo ao fundo da sala, e a dizer o seguinte: OS MONARCAS EXILADOS JAMAIS SERÃO LIXADOS. VIVA O DIA DA LIBERTAÇÃO DAS CHATICES DA GOVERNAÇÃO.

D. PAIO

— Bonitos dizeres! Mas gostaria de lhe acrescentar mais um...

D. BRIOLANJA

— Qual era?

D. PAIO

— INDA ESTOU PARA DECIFRAR COMO É QUE A GENTE SE CONSEGUIU SAFAR...

ARIM

EMPREENHIMENTOS



Encontrei o homem preparado para uma grande viagem. Com certeza. Levava o calhambeque cheio até acima, com o tejadilho carregado até quatro metros de altura,

com malas e caixotes atados e sacos, mesas de cozinha e bidet. Vi logo ali a minha entrevista... — Faz-me o favor... — O que é que você quer? Está agorriado? — Não senhor, quero fazer-lhe umas perguntas! — Só respondo se for ao Copcon. O senhor é? — Sou o quê? — Do copcon. — Não senhor. Sou jornalista... — Ah, isso é outra coisa. Diga lá o que é que quer...

— Quería entrevistá-lo. Vejo que vai de casa mudada... Vai para férias? — O homem olhou em volta, desconfiado: — O senhor guarda segredo se eu lhe disser? — Eu sou um copco! — Vou ocupar uma casa. — Oh homem, isso agora é proibido! Você veja lá em que é que se meteu... — Meto-me numa casa! Onde é que você queria que eu me metesse? — Mas onde é que você tem a casa para ocupar? Isso parece que já acabou...

— Não acabou nada! Esta gente é parva, por andar aqui a ocupar casas cheias de ratos e sem portas nem janelas! Se calhar até alguns senhores estão ansiosos que lhes ocupem esses pardieiros! Os que as vão ocupar fazem de repente o trabalho todo de arranjos que as casas precisam, põe janelas e portas novas, metem carpetes, põem vidros e candelieiros, ligam a água e a luz, pintam as paredes e depois quando tudo estiver pronto os senhores vão dizer que a casa é onde eles guardam a sogra aos domingos, e eles os que as ocuparam querem logo sair. Sim porque isto de viver com baratas e ratos, é uma coisa. Com sogras é outra...

Ocupacionistas



— Ah, é outra? — Olhe, ou você é parvo, ou quem o pôs nesse ofício não o conhecia. — Essa agora! Então você está-me a ofender? — Não senhor! Eu estou é a ver que se você é repórter, eu sou o D.Sebastião. Então você não tem dois dedos de cacó para ver o que se passa? Ora veja: Você não vê a oração dessa malta toda que decide correr o risco de infringir uma data de leis, que vão desde o assalto a propriedade privada a roubo, abuso de confiança, traça de saltador, etc. o que em qualquer outras circunstâncias lhes daria umas dezenas de anos de cadeia, só para ir morar para um pardieiro velho que os donos nem querem ver?

— Bom... Sempre é viver debaixo de telha... — Viver debaixo de telha uma gaita! Viver com o risco de lhe cair uma telha na cabeça quer você dizer! E está com muita sorte se não for uma trave mestra, venha a igreja toda a baixo! — Mas então você... — Eu, nada! Eu não vou nessas futebóis! Então eu deixava lá as minhas quatro assaladinhas que me custam um conto e cem por mês, e onde tenho água gáz e electricidade, telefone e caixa de correio, duas marquises cozinha dis-

pensa e retrete de assentar, para ir viver para uma toca de ratos e largatias. — Você está tan-tan-tan! — Eu confesso que não percebo... — Pois claro! Como é que você queria perceber se é estruturalmente burro? De resto se o não fosse não andava por aí a fazer essas figuras com o microgaitas na mão a chatear cada um por coisas que não percebe. — Homem, se já desabafou, explique lá agora qual é a sua ideia! Você vai para aí carregado de um burro salvo seja, como se fosse para férias... — E vou!

— Vai para férias? Em Abril? Gaita que o seu patrão é de boa boca! E se calhar vai outra vez no verão? — Pois claro! Eu agora pedi duas semanas ao patrão para fazer esta ocupação... — E você a dar-lhe! Então vai ocupar ou não vai ocupar? — Vou ocupar, mas se você não tivesse a inteligência duma minhoca já para eu pertencer a nenhuma comissão de moradores?

— Ah! Agora percebi! Você vai a fugir dos ajuntamentos! — Pois claro! De resto eu já lhe disse que em Lisboa tenho eu casa e boa. Para que é que eu havia de ir ocupar um

pardieiro e correr o risco de infringir uma data de leis, só para me meter num pardieiro a cair aos bocados? — Então onde é que o senhor vai ocupar casa? — Se eu lhe disser você fica a saber tanto como eu, e depois pode-me ir fazer concorrência... — Esteja descansado. Eu não saio de Lisboa. Sabe: é aqui que eu tenho o meu tachtito... — Bom proveito lhe faça. Pois guarde lá isto para si, e fique sabendo que as coisas quando se fazem devem ser bem feitas. Eu cá por mim, decidi ir para o Algarve...

— Para o Algarve? Mas que ideia foi essa? — Olhe você para jornalista é muito mais parvo do que parece. Então você não vê que no Algarve há muito mais casas livres do que por aqui por Lisboa? E que o Algarve tem muito melhores climas? E que se eu for para lá ninguém dá por mim nem vem logo à minha procura para me chatear para eu pertencer a nenhuma comissão de moradores? — Ah, sim? — Claro! Eu sou ocupador. Não quero fazer nenhuma comissão. E de caminho faço umas férias-Lisboa tenho eu casa e zitas que bem precisado estou... — Então e se o puse-

rem na rua? — Olhe se eu tiver que ficar ao relento, antes num clima algarvio do que cá por cima. Sempre é mais quentinho. De resto há por lá tantas organizações de empreendedimentos, que eu até posso fazer mais uma: "Serviços de Ocupação, Empreendimentos Ocupacionistas, S.A.R.L. Quer vir daí? Ainda há lugar no carrito..."



ENTREVISTA

ENTREVISTA

ENTREVISTA

ENTREVISTA

DIÁLOGOS DA ÉPOCA

— Então, pá, que dizes a isto?
— Que vai!

— Mas, tem custado, não tá é que Deus agradece...
— É o que arde é que cu-
— Pois tem mas, o que cus- ra...

— Pois, pois...
— É verdade — e esse? ...
— Foi-se...

— E martelo...
— Não, para lá não ia ele...

— Pois não... Na Espanha ou no Brasil é que é bom...
— Para eles, é...

— Agora têm lá o "General Com Medo"...

— Com medo, sim — mas, ex-general, aliás...

— Saiu-nos melhor do que se esperava...

— Como o outro... Já reparaste a pouca sorte que temos com os Antónios?

— É verdade... Apenas o Santo António de Lisboa...

— Nem esse, nem esse... Dizem que tirou o pai da forca — mas, deixou-nos andar quase cinquenta anos com a corda na garganta e não deu um passo...

— Isso é verdade... Mas, casava de graça...

— Por ordem de São Martinho...

— Nobre de Melo! Fazia umas marchas, um arraias...

— Fazia o jogo deles... e o pagode ia nele.

— Sim, mas...

— Qual mas nem meio mas... O tempo já não vai para santos nem para se estar à espera de milagres... Há que trabalhar, que fazer pela vida, que produzir, que...

— A propósito, onde trabalhas?

— Eu? ! Por acaso, desde o dia 25 de Abril do ano passado que estou desempregado...

— Despediram-te? !

— Não, dediquei-me à política...

— Ah! E a família?

— Vai bem, obrigado!

— Mas, como vivem, se não tens emprego? !

— Tenho uns auxílios do Partido, sabes? ...

— Ah! Percebo... E cheoa?

— Mais ou menos... Mas, depois das eleições, devo arranjar qualquer coisa...

— Tacho?

— Não, os tachos acabaram... Um lugar, apenas!...



PARECE IMPOSSIVEL

Quase todas as histórias — possíveis ou impossíveis — começam invariavelmente assim: "Esta passou-se..." Claro que neste caso e por uma questão de coerência, visto que sendo já decaradamente impossível ela não se poderia ter passado, e se se tivesse realmente passado não seria impossível, esta história não pode começar assim.

Também não vai começar pelo tradicional aval de veracidade "Esta, senhora não parece, é mesmo verdade..." por idênticos motivos de coerência: se ela parece ou não, não compete a mim julgar (cada um que tire as parências que quiser) mas se eu afirmo que é verdade uma história que começo por declarar que é impossível, ou por outras palavras, se eu classifico de impossível uma história que eu sei ser verdadeira, então está tudo errado, e a primeira coisa a fazer teria que ser propor uma profunda alteração em todos os dicionários para o significado da palavra impossível. Ou se preferirem assim, para o significado de verdadeiro.

A história começa portanto já depois do pano subir (para evitar as complicações acima indicadas) e a cena representa um bar do antigo Far-West americano, com o tradicional décor de mesas com vaqueiros a jogar às cartas como ocupação permanente e à taponna como divertimento ocasional, e várias "camareras" sortidas, a circundar de mesa para mesa para cumprir o horário de trabalho.

Ao alcançar, o tradicional longo balcão castanho escuro cheio de copos e de garrafas destinadas a um fim prematuro ao primeiro sinal dado por uma cadeira a voar, encontram-se vários vaqueiros que não estão sentados ou por não ter lugar, ou para não pagarem mais dez por cento da taxa de serviço nas mesas, ou possivelmente por terem os trazeiros doridos de tanto ca-

valgar.

E eis senão quando... (bonita frase!) entra um vaqueiro, trazendo pela rédea um cavalo.

Os circunstantes olham com curiosidade o recém-vindo, primeiro porque era uma variante na monotonia da noite, e depois porque não era vulgar um homem ir até ao balcão com o cavalo, que normalmente deixavam amarrado à porta.

O homem quebrou o silêncio sepulcral que se fez pedindo ao taberneiro:

— Um Whisky duplo!

E depois virando-se para o cavalo perguntou:

— Também queres?

O cavalo sacudiu displicentemente a crina e respondeu:

— Tá claro que quero!

O silêncio que já era profundo, deusei dois tons abaixo. O espanto fez cair todos os queixos para cima dos colletes abotoados.

O homem retorquiu:

— Queres simples ou com água?

— Simples, claro! Então tu não sabes que não gosto de Whisky com água? — respondeu o cavalo já com um arzinho de aspreza.

Se alguém usasse alfinetes e tivesse deixado cair um — duas coisas que era pouco provável que acontecessem, mas que é costume dizer-se — ter-se-ia ouvido distintamente o barulho em toda a sala.

O silêncio cortava-se à faca, mas era preciso que esta estivesse bem afiada.

No intervalo que se seguiu o taberneiro que tinha já posto um copo à frente do homem ficou estático sem despejar uma gota.

— Então? De que está você à espera? Vamos! Dois Whiskis duplos, não ouviu?

Mudo e quedo como um peneiro, o taberneiro encheu os dois copos. O homem emborcou o dele enquanto o cavalo o pegava delicadamente com a ponta dos lábios (que eufemismo!) no outro copo e com um gracioso gesto de

pescoço, emborcou-o, poisando depois o copo vazio no balcão.

O vaqueiro atirou duas moedas para cima do balcão. O som de metal pareceu acordar o taberneiro que pegou

nelas e balbuciou:

— Isto... isto... um cavalo a falar e a beber Whisky ao meu balcão... isto é que eu nunca tinha visto!

O homem dirigia-se já para a porta, e o cavalo voltou-se

para o seguir. Mas antes disso virou ainda o longo pescoço para o taberneiro e sacudindo a crina, respondeu:

— Não tinha visto, nem torna a ver, porque o seu Whisky é uma merda!



GRANDES REPORTAGENS

Do passado

— Raios, coriscos e trovões, que vos esmago os coriost! Vós atreveis-vos a duvidar da minha ferocidade? Esqueceis-vos que onde as patas do meu cavalo pisavam nunca mais crescia a relva?

— Peia alho, espírito fraquinho! se fosse agora o mais que te podias proibir era que andasses a cavalo nos estádios. E mesmo assim ainda ficavam muitos em que podias covelar o teu herbicida corral, porque são pelados...

— Vós sabeis que eu venci os imperadores do Oriente e do Ocidente?

— Ah venceste? E que ganhaste com isso?

— Bom, ganhar, ganhar... não ganhei muito. Mas gozei que me fartei a destruir e arrazar cidades...

— Isso deu-te muito trabalho?

— Se deu! Mas eu dispunha de mil legiões...

— Olha a gente teve cá uma que se calhar ainda era pior que a sozinha que as tuas todas juntas.

— Incrédulos bárbaros! Desde que fui derrotado pelos exércitos juntos de três imperadores, nunca me senti tão humilhado! Tenho que voltar a enterrar a minha vergonha nas margens do Danúbio, como nesse tempo distante!

Mas dissei ao menos antes que me vá: quem sois vós, que em diabólica força vos tendes de molde a insultardes o meu espírito, o espírito de Átila, rei dos Hunos, Flagelo de Deus, Cólera dos Exércitos e Terror de todos os homens, vencedor dos imperadores do Ocidente e do Oriente, que arrazou o mundo todo por onde passou, e na terra que era pisada pelas patas do meu corcel de guerra nunca mais crescia a erva...

— Ora deixa-te de fitas, pá! Vai contar essas às criancinhas mas escolhe das mais pequeninas porque senão as outras não enfiaram barretes desses! O que tiveste foi muita sorte por teres vivido lá pelo ano quatrocentos e tal, onde toda a malta enfiava esses garruços! Se fosse hoje...

— Pois sabe que se fosse hoje eu ainda seria mais feroz e sanguinário! E o meu cavalo esmagaria...

— Esmagava uma óval! Viesses-te cá meter c'o a malta, que a gente te dizia! O que era preciso era só aviar a malta! Fica sabendo que nós somos os putos regulas da nova era, e se tu te metesses cá o a malta, não levavas nenhum! Porque nós somos os do pum-pum!

SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)

TEL. 562411/10 LINHAS



MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
"EPEDA" E "DELTALOC"